

## Espiritualidade, que futuro?

O ocultismo do século 19 teve o enorme defeito de tentar organizar o mundo e esclarecer todas as dúvidas. Para compreender esta necessidade é preciso perceber a mentalidade dessa época: racional, fechada sobre si, convencida de que tinha alcançado o topo do saber.

É famosa a história do encerramento do registo de patentes: porque já se tinha inventado tudo. Mais tarde percebeu-se que não e que a máquina a vapor era afinal o começo de um caminho sem retorno.

A uma mentalidade tão fechada tinha de corresponder um grande orgulho e simultaneamente um grande medo. Como consequência do orgulho veio a guerra, como consequência do medo veio a desconfiança dos outros e, mais tarde, o início dos grandes movimentos reformistas.

No plano do ocultismo veio a ideia de tapar os buracos deixados pela gnose e pelos fragmentos dispersos do Rosacruzianismo, da Alquimia, do Templarismo, da Maçonaria. A primeira ferramenta de que o ocultismo lançou mão foi a experimentação, nisto se assumindo científica. O que deu origem ao fenómeno do Espiritismo e da Parapsicologia.

Com o Espiritismo veio a racionalização dos mundos subtis, das relações entre almas encarnadas e desencarnadas, a teoria da evolução, a classificação dos mundos e dos corpos, por consequência das leis que tudo fazia existir. Foi uma época de certezas e deixou-nos um legado que ainda agora, já não racionais nem mecânicos, continuamos mantendo.

-----

Antes do século 19 havia alquimia para os práticos da pedra filosofal e teórica para os adeptos da transformação espiritual; havia magia, sobretudo negra ou vermelha; havia cabala e através desta o estudo dos livros simbólicos; havia Rosacruzianismo e através deste uma mistura de tradição cristã com paganismo; havia gnose e por isso o estudo dos clássicos gregos.

Havia tudo mas nada organizado no estilo enciclopédia a que os grupos do século 19 nos habituaram. Sobretudo não havia resposta definitiva para os grandes mistérios, mesmo que cada tradição ou grupo afirmasse a sua parte de verdade e tentasse a seu modo responder.

Depois aconteceu a Teosofia e, com a sua fundadora, uma enxurrada de teorias estranhas ao Ocidente. Por consequência aconteceu a reorganização do ocultismo europeu e uma espécie de guerra de bastidores para manter coeso e inalterável o propósito (ou aquilo que se acreditava ser o propósito) das tradições ditas ocidentais.

Ninguém estava preparado para Blavatsky e a resposta foi confusa e incoerente. O ocultismo ocidental tinha sido druida, grego, romano, cristão

também, mas era feito de fragmentos e não tinha nem a complexidade nem a dimensão nem a resposta que a Teosofia tinha.

Acordados em sobressalto, postas em causa certezas profundas, organizaram-se os defensores da tradição do ocidente como se houvesse na verdade algo a defender.

Ressurgiu a R+C, a Maçonaria (agora mais especulativa ou filosófica), o Martinismo, alguns tipos de Templarismo, a Alquimia, a Cabala. E autores, sobretudo franceses (Levi, Papus, Guaita, Peladan), mas também ingleses (Yeats, Crowley, Lytton) e alemães (estes mais místicos e nacionalistas).

O esforço resultou, e aquilo que começou de forma incoerente acabou por criar raízes assumindo contornos de movimento filosófico permanente. Desembocando em homens como Max Heindel, Rudolf Steiner, Hermann Hesse, Spencer Lewis. Assim chegando aos nossos dias.

-----

Estamos vivendo um paradoxo e vamos ter de fazer opções: ou esse ocultismo paternalista a que alguns se habituaram, ou o desbravar de novas dimensões.

Apanhados na curva da história, com um pé no desconhecido e outro em aparentes certezas, ainda não decidimos o que fazer.

Os melhores de entre nós hesitam: conscientes de que a verdade é, como disse Krishnamurti, um país sem caminhos, tem dificuldade em hipotecar o futuro aos seus e nossos receios.

Paralelamente proliferam as ideias pessoais e misturam-se as teorias que vão dos ovnis à espiritualidade, da busca do graal à magia, dos cultos afro-americanos à esperança messiânica num salvador que tudo redima. Misturam-se as ideias e assiste-se ao aparecimento de grupos cuja desorientação espelha a da própria época em que vivemos.

Época perigosa pela diversidade da oferta de ideologias, mas sobretudo pela forma simplista com que as queremos viver.

E somos tentados, mesmo os melhores de entre nós, a viver à margem da consciência e a adoptar poses que em nada nos ajudam a reencontrar o fio da meada que algures no século 19 se perdeu.

*João Crisóstomo  
Amarna, Verão de 2003*